

LITERATURA INFANTIL E INCLUSÃO: A PRODUÇÃO LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS MAIS INCLUSIVAS

Jessica Micaelle Dias da Silva¹
Rosana Rodrigues de Tavares²
Márcia Inês da Silva³

16

RESUMO: Este artigo tem por finalidade apresentar a importância da produção literária na formação de crianças mais inclusivas. Destacando seu valor significativo para o desenvolvimento cognitivo e imaginação da criança, pois possibilita a esta categoria de leitor, sua própria viagem, descobrindo, criando, construindo sua estória. Tal ação influenciaria de maneira espontânea e divertida a criatividade da imaginação da criança, proporcionando uma interpretação que lhe ajudará no crescimento e na transformação de si mesma e do mundo que a cerca. Para tanto, objetivou-se com a pesquisa analisar a influência da literatura enquanto instrumento metodológico na formação de educandos mais preparados para se viver na diversidade. A problemática que norteou a pesquisa consistiu em saber como o uso da Literatura infantil impacta a formação de crianças mais inclusivas, nos levando assim a concluir que a literatura oferece um leque de opções onde pode-se trabalhar a inclusão, a empatia e os valores humanos necessários para vivermos em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Leitura. Diversidade.

CHILDREN'S LITERATURE AND INCLUSION: LITERARY PRODUCTION IN THE FORMATION OF MORE INCLUSIVE CHILDREN

ABSTRACT: This article aims to present the importance of literary production in the formation of more inclusive children. Highlighting its significant value for the child's cognitive development and imagination, as it allows this category of reader, his own journey, discovering, creating, building his story. Such an action would spontaneously and playfully influence the creativity of the child's imagination, providing an interpretation that will help him in the growth and transformation of himself and the world around him. To this end, the objective of the research was to analyze the influence of literature as a methodological tool in the formation of students more prepared to live in diversity. The problem that guided the research was to know how the use of children's literature impacts the formation of more inclusive children, this leads us to conclude that literature offers a range of options where inclusion, empathy and the human values needed to live in society can be worked on.

KEYWORDS: Children. Reading. Diversity.

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. E-mail: jmicaelle92@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2819627473060207> Orcid: 0000-0001-5694-3575

² Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. E-mail: tavaresrosana1984@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2501334263964402> Orcid: 0000-0002-3525-1622

³ Professora do Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. Doutoranda em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Federal de Goiás (PUC-Goiás). E-mail: professoramarciaines@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0923546766860837>. Orcid: 0000-0002-1411-3976

INTRODUÇÃO

Pretende-se com este trabalho discorrer a respeito do tema literatura infantil e inclusão: a produção literária na formação de crianças mais inclusivas. Uma vez que se acredita na importância do estudo e análise da importância da literatura no processo de ensino e formação de crianças,

Portanto, a problemática que norteia a pesquisa visa compreender como o uso da Literatura infantil impacta a formação de crianças mais inclusivas?

Uma vez que quando falamos de inclusão devemos nos perguntar: O que é inclusão? Porquê incluir? Ou quem incluir? Inclusão não é somente assegurar que o educando esteja incluso no processo de aprendizagem, mas vai muito além disso. A inclusão escolar fala de aceitação, empatia e resiliência. Por isso, devemos ensinar aos educandos que essas qualidades vão além da sala de aula, são elementos da formação pessoal que levamos para a vida.

Assim, acredita-se que na educação de crianças é notável a aceitação de diferenças entre os educandos, no entanto, é primordial que essa consciência os acompanhe por toda vida. Estimular a inclusão escolar é um processo de formação para a vida. Não basta que esses educandos somente aceitem as diferenças, é necessário que formem uma consciência inclusiva e cresçam entendendo que todos merecem respeito.

Nesse contexto, objetivou-se com esta pesquisa analisar a influência da literatura enquanto instrumento metodológico na formação de educandos mais preparados para se viver na diversidade.

Tendo em vista que a utilização de metodologias e práticas possibilitam aos educandos, além de aprenderem o conteúdo aplicado em sala, a aprender sobre as diferenças em sala e como respeitar isso é essencial nos dias de hoje. O uso da literatura configura boa parte da metodologia disponível nas salas de aula do ensino regular e está, cada vez mais, ganhando espaço. A literatura infantil desponta pela diversidade e possibilidade de uso. O uso desse instrumento vai desde a leitura em roda de conversa à encenação teatral.

O desafio de utilizar a literatura como ferramenta de inclusão começa a partir da criação dos seus personagens principais. É muito raro, ou quase inexistente, princesas pretas ou príncipes pretos. Bem como qualquer outro personagem que tenha deficiência, seja ela física ou intelectual.

Nesse sentido, entende-se que a literatura, por sua linguagem polissêmica, constitui uma poderosa ferramenta em sala para promover a inclusão e a formação de alunos mais reflexivos e críticos. Ela instiga o educando a usar a imaginação, refletir e desenvolver a criticidade. Ao ter contato com uma literatura que tenha em seu enredo personagens com alguma deficiência, questionamentos acerca de gênero e diversidade, estamos dando a esses educandos a oportunidade de se identificarem com os personagens e se tornarem conscientes e inclusivos.

Considerando a grande diversidade de crianças em sala de aula, ainda é o grande desafio de metodologias para a escola, professores e para a educação em escolas de ensino regular, Sasaki (2005, p. 23) afirma que:

Práticas baseadas na valorização da diversidade humana, no respeito pelas diferenças individuais, no desejo de acolher todas as pessoas, na convivência harmoniosa, na participação ativa e central das famílias e da comunidade local em todas as etapas do processo de aprendizagem, e, finalmente, na crença de que qualquer pessoa, por mais limitada que seja em sua funcionalidade acadêmica, social ou orgânica, tem uma contribuição significativa a dar a si mesma, às demais pessoas e à sociedade como um todo.

A escolha da abordagem da literatura como ferramenta de inclusão ocorre por ser a literatura algo presente na vida de todos desde a mais tenra idade. É comum o relato de gestantes que leram para o bebê em seu ventre e a criança se acalmar ao ouvir a mesma história tempos depois, mesmo estando fora do ventre materno.

A literatura infantil é um elemento motivador dentro de sala, ela leva os alunos e o professor a imaginar, ousar, explorar e criar novas formas de aprender. Como afirma Abramovich (1997, p. 143):

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...

Enxergando todo o potencial do uso da literatura como instrumento de ensino, porque não a usar também como ferramenta de inclusão escolar? Na maioria das histórias e livros literários os personagens principais não possuem limitações ou tão pouco atributos fora do padrão imposto pela sociedade.

Os personagens da literatura, principalmente os principais, são vistos, em sua maioria, como espelho e inspiração para muitas crianças. Prova disso são os filmes de heróis cada vez mais assistidos no mundo todo. Os meios televisivos já entenderam a

importância desses personagens e criaram uma vasta gama de desenhos animados com personagens/heróis que possuem todos os tipos de poderes, que são de várias etnias e gênero.

Diante do exposto considera-se este estudo fundamental para a formação do professor como leitor e influenciador direto dos seus alunos, levando-os a pensar, usar imaginação, criar histórias, bem como também contribuir para a construção do senso crítico e reflexivo de seus educandos.

Metodologia

Esta pesquisa está inserida na tradição da pesquisa qualitativa, pelo seu caráter investigativo e exploratório. Assim, buscou-se com a pesquisa qualitativa através da análise documental pertinente ao tema, compreender como se dá o processo de produção literária na formação de crianças inclusivas.

Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento de material bibliográfico e documental, por meio de pesquisas em livros, periódicos especializados e textos acadêmicos - artigos, dissertações e teses – e em meio eletrônico. Em seguida foi executada a revisão bibliográfica.

Foi realizada, também, uma pesquisa de análise documental, um estudo de cinco obras literárias que trabalham com o tema da inclusão no seu sentido mais amplo, sendo temas que envolvem a questão da diversidade racial, diversidade de cultura, deficiências, dentre outros temas relacionados.

Conforme Sá-Silva et al (2009, p. 2):

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica.

Portanto, foram analisadas as seguintes obras literárias: Menina bonita do laço de fita - Ana Maria Machado; A felicidade das borboletas - Patrícia Engel Secco; Tudo bem ser diferente – Todd Parr; Esta é Sílvia- Jeanne Willis e Tony Ross; Quem sou eu? - Gianni Rodari.

Contextualizando a inclusão escolar

Para falarmos sobre inclusão escolar é necessário abrir um parêntese sobre a sua evolução, avanços e retrocessos dessa modalidade no âmbito escolar. É sabido que a Constituição Federal (BRASIL, 1988) assegura o direito de todos à educação, mas foram precisos muitos anos de discussão para que a educação especial tivesse destaque e relevância nas políticas públicas do Brasil.

A Constituição Federal no artigo 208, que fala da Educação Básica, como dever do Estado ressalta:

- I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- II - progressiva universalização do ensino médio gratuito;
- III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Assim, legalmente, não se deve permitir que a educação especial seja entendida como um sistema paralelo ou um subsistema no contexto geral de educação. Para atender ao dispositivo legal, torna-se imprescindível a ação conjunta da educação regular com a educação especial, no sentido de propiciar ao aluno que apresentar necessidades especiais atenção à luz das deficiências, como um ser global e único.

Para Giroux e Simon (1995, p. 95),

As escolas são formas sociais que ampliam as capacidades humanas, a fim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades a serem capazes de exercerem com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação e prática que promovam o favorecimento do poder social e demonstrem as possibilidades de democracia.

Ao mesmo tempo a escola tem a potencialidade de transformar a sociedade. Portanto, ela é produto e produtora. Na infância, a estimulação favorece bastante o desenvolvimento intelectual da criança, uma vez que os estudos indicam que esse desenvolvimento ocorre a partir da interação de fatores hereditários com o meio em que a criança vive, indicando o período até os quatro anos de idade, como o momento no qual esse desenvolvimento atinge o limite máximo. Conforme Corrêa (2006, p. 26):

Atualmente, a grande maioria dos psicólogos reconhece que a experiência precoce desempenha uma grande influência no desenvolvimento cognitivo. A esse respeito, os teóricos são unânimes em afirmar que os efeitos do meio sobre

a inteligência atingem sua máxima expressão durante os primeiros anos de vida (principalmente nos quatro primeiros anos), pois, à medida que a idade avança, o desenvolvimento intelectual se torna cada vez mais lento.

A esse respeito observa-se que essa fase da vida é considerada ideal para maximizar as potencialidades cognitivas de aprendizagens, possibilitando a construção de práticas inclusivas em ambientes diversos que ajudem a superar as desigualdades, formando pessoas capazes de conviver com os diferentes desde a infância.

21

O ensino inclusivo é a prática da inclusão – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas. Para Mantoan (2006, p. 15):

A escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor. Não pode continuar anulando e marginalizando as diferenças – culturais, sociais, étnicas – nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. Afinal de contas, aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos; implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos.

Partindo desse pensamento, pode-se ter um panorama do quanto o processo de inclusão atualmente em curso está distante do ideal. Ainda se encontra sérios problemas com relação à educação de alunos que já fazem parte do contexto escolar sem efetivamente alcançarem a satisfação de suas necessidades educacionais. Preconceito, violência, problemas psicológicos, falta de incentivo por parte dos pais, dentre outras, são algumas das causas do fracasso escolar, resultando, muitas vezes, na evasão.

Nesse contexto, Mantoan (2006, p. 33) assevera que, “incluir é não deixar ninguém de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças indistintamente”. E muito mais, é ensinar a viver com pessoas diversas.

Laplane (2006) coloca em evidência a larga brecha entre as políticas e as práticas. Entende que a contradição no âmbito educacional remete às condições sociais amplas e à tendência excludente da dinâmica social.

Vários estudos mostram que gestores, professores e pais de crianças com necessidades educacionais especiais, embora não excluídos do processo de elaboração do texto da política, ainda não se articularam no contexto para o debate sobre as barreiras, os desafios e as perspectivas para a implementação de ações, tendo em vista a melhoria das condições estruturais e a qualidade da prática pedagógica nos anos iniciais da

Educação Infantil.

De acordo com Carvalho (2004), a Inclusão Educacional é mais que a presença física, é muito mais que a acessibilidade arquitetônica, é muito mais que matricular alunos que necessitam ser inclusos nas salas de aula do ensino regular, é bem mais que um movimento da educação especial, pois se impõem como um movimento responsável que não pode abrir mão de uma rede de ajuda e apoio aos educadores, alunos e familiares, em suas questões sociais, relações de gênero, deficiência física e intelectual, relações étnico raciais e etc., no sentido de buscar e construir um mundo melhor, procurando ensinar a toda a comunidade escolar a serem menos preconceituosos, ensinando e aprendendo a viver no respeito.

22

Muitas discussões têm sido travadas nos âmbitos educacionais, em especial no que se refere à Educação Infantil, acerca da perspectiva apontada pela legislação educacional no intuito de definir a especificidade da educação infantil na qual se encontra presente o cuidado e a educação de forma indissociável, complementando a ação da família.

Neste sentido, procura-se consolidar um ambiente didático-pedagógico estimulador da aprendizagem e do desenvolvimento infantil que supere os modelos que vêm subsidiando o atendimento à criança (ANDRADE, 2010).

O grande desafio que se impõe à educação inclusiva é o reconhecimento do outro, de suas possibilidades, das necessidades específicas, das necessidades educacionais especiais, das diferenças culturais, dos códigos linguísticos e da experiência social. Respeitar as diferenças na infância significa, sobretudo, oferecer espaço e tempo adequados e próprios para a infância, com experiências coletivas, espaços organizados para aprendizagem por meio do lúdico, do uso de múltiplas linguagens, o acesso a informações, das diferentes formas de expressão, cultura como forma de conhecimento (BRUNO, 2008).

A contribuição da literatura infantil na formação de crianças inclusivas

Há uma grande discussão entre os teóricos para entender a Literatura Infantil. A discussão passa pela conceituação, a concepção da infância e do leitor, a ligação da literatura infantil e a escola, até o caráter literário dessas obras para crianças.

Nesse sentido, acredita-se que ao trabalhar com crianças, tem-se a necessidade

de inovação e criatividade, principalmente no que se refere ao processo de contação de histórias. Sobre esse aspecto Dohme (2000, p. 17) afirma que:

[...] as histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar [...] As crianças gostam muito, levam a uma empatia com os alunos, a variedade de temas é praticamente inesgotável, pouca exigência de recursos materiais para a sua aplicação e os vários aspectos educacionais que podem ser focados.

23

Os primeiros livros para crianças surgiram somente no final do século XVII escritos por professores e pedagogos. Estavam diretamente relacionados a uma função utilitário-pedagógica e, por isso, foram sempre considerados uma forma literária menor. A produção para a infância surgiu com o objetivo de apenas ensinar valores (caráter didático), ajudar a enfrentar a realidade social e propiciar a adoção de bons hábitos.

Nesse contexto, observa-se que, muito embora não esteja delimitada como um componente curricular específico, a literatura atravessa toda a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), marcando presença em vários segmentos do ensino e sendo explorada com base nos diferentes aspectos do texto ficcional. Portanto, conforme a BNCC:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, Linguagens, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, 2018, p. 138).

Assim, tem-se que o ser humano, como um ser social, necessita de condutas para a vida em sociedade, pois cada um possui vontades, desejos, anseios, personalidade própria, aspectos que devem ser considerados e respeitados. Se todos são diferentes e possuem características próprias é necessário numa sociedade regras comuns e valores a serem seguidos para facilitar a vida em harmonia.

A Literatura é indispensável como instrumento pedagógico, proporcionando facilidades na comunicação, na compreensão e até mesmo no processo de criação e desenvolvimento de sua visão do mundo. Assim, segundo a BNCC:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC,

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, 2018, p. 65).

Os educadores comprometidos com a educação visam à construção de conhecimento por parte do aluno de uma maneira prazerosa e utilizam deste valioso recurso em suas aulas. As histórias proporcionam às crianças a reflexão sobre o mundo que as cerca, a partir daí, aprendem a lidar com a realidade, vivenciar novas situações e emoções de uma forma divertida.

24

A escola é uma instituição que deve contribuir para a sociedade, ao oferecer uma educação adequada para que os indivíduos possam viver e conviver em sociedade. Sendo assim, a escola é uma transmissora de conhecimentos e valores necessários à conduta humana, valores esses que podem também ser transmitidos por meio de histórias, produzidas na Literatura Infantil, ao serem trabalhadas em sala de aula.

Nesse sentido Coelho diz que:

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina... e consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver (COELHO, 2000, p.141).

O educador deve ter a consciência do valor educacional que as histórias literárias possuem para saber melhor utiliza-las. De acordo com Dohme (2000) as histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar e vários motivos existem para isso:

As crianças gostam muito, levam a uma empatia com os alunos, a variedade de temas é praticamente inesgotável, pouca exigência de recursos materiais para a sua aplicação e os vários aspectos educacionais que podem ser focados. (DOHME, 2000, p. 17).

Também, as histórias são bastante úteis para trabalhar alguns aspectos internos das crianças, como afirma Dohme (2000), o caráter pode ser visivelmente identificado nas histórias com feitos históricos, que transmitem lições de vida ou que o bem prevalece sobre o mal. É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Isso faz com que elas tenham embasamento para serem bons leitores futuramente. Para formar bons leitores e desenvolver a capacidade e gosto pela leitura é necessário que a escola ofereça bons livros na sala de aula e também na biblioteca.

Para Coelho (2000, p. 15) “a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação”, ou seja, “a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto

estimulado pela escola”.

Ao ouvir histórias a criança pode sentir diversas emoções, como a tristeza, a alegria e a insegurança e a partir daí descobrir outros mundos, outros lugares, tempos e jeitos de ser e agir no seu cotidiano. No entanto, expostas a uma profusão de ideias, as crianças não se convencem facilmente da justeza de uma determinada posição, se não lhes for dado pensar a partir de um contexto específico. O certo e o errado, o bem e o mal como afirmações abstratas não encontram ressonância entre elas. Assim, mesmo que os educadores pretendam impor valores absolutos, as crianças não estarão receptivas.

De acordo com Abramovich (1995, p. 17),

Ler histórias para crianças, sempre, sempre ... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento ... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram ...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas ...

Assim, parte-se do princípio de que a literatura e a leitura são extremamente importantes na formação do aluno, pois, visam o desenvolvimento, a aprendizagem e a formação da criança. Um leitor assíduo desenvolve melhor a capacidade de compreensão das situações vivenciadas no dia-a-dia, torna-se crítico e capaz de absorver corretamente as informações oriundas dos mais diversos meios de comunicação. A capacidade de aprendizagem da criança está diretamente ligada ao contato que ela tem com a leitura e a forma didática como esta é trabalhada. Bettelheim (1996, p. 13), infere que

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Atualmente crianças e jovens cada vez mais desenvolvem outros interesses, pois, em uma sociedade que privilegia a escrita, a oralidade é renegada a permanecer no passado. Percebe-se com isso, que quanto maior a faixa etária das crianças menor é seu

contato com as histórias orais.

Nesse sentido Aguiar e Bordini (1993, p. 14), acreditam que,

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada.

26

Para qualquer ser humano, criança, adolescente ou adulto, ouvir, contar ou ler histórias são momentos mágicos que levam todos a um sentimento prazeroso. Através das histórias pode-se enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo o processo de linguagem e ampliando o vocabulário. Ouvir histórias desenvolve a criatividade, a atenção auditiva, concentração e a imaginação.

Bettelheim (1996, p. 20), corrobora com a seguinte afirmação:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Outra questão importante a se observar é que quando se pensa em leitura, imediatamente reflete-se na leitura de palavras. Porém, diariamente é necessária, cada vez mais, a leitura de imagens. Uma das possibilidades de aprendizagem de leitura de imagem e o acesso ao livro infantil de qualidade. A leitura de imagens é, naturalmente, uma das primeiras manifestadas na criança, pois a imagem é uma representação semi-concreta, mais direta que o código verbal escrito, se apresenta de forma abstrata, essa representação visual na Literatura Infantil tem como abordagem uma fértil interpretação imagética, aparecendo carregada de significados dentro do contexto sócio cultural instigando a criança a desenvolver a sua linguagem, pensamento, reprodução, recriação e a transformação do mundo que a cerca.

Nesse sentido Coelho (2000, p.52) diz que “nenhuma dessas formas é melhor ou pior, literariamente. São apenas diferentes e dependem das relações de conhecimento que se estabelecem entre os homens e o mundo em que eles vivem”.

Por isso as histórias literárias são consideradas os textos mais ricos nesse sentido, pois apresentam personagens complexos, não notadamente bons ou maus em situações que demandam escolha e reflexão sobre as consequências da mesma. São também aqueles

que condensam múltiplas interpretações (e aqui se revelam suas qualidades estéticas), pois evidenciam para a criança, que são muitas as possibilidades de ser, portanto, da própria complexidade da vida.

[...] ao ser ligada, de maneira radical, a problemas sociais, étnicos, econômicos e políticos de tal gravidade, a literatura infantil e juvenil perde suas características de literalidade para ser tratada como simples meio de transmitir valores. Ou é lida exclusivamente em função de seus estereótipos sociais. Daí a urgência que vemos na conscientização e organização de uma crítica literária para a literatura infantil brasileira (COELHO, 2000, p. 58).

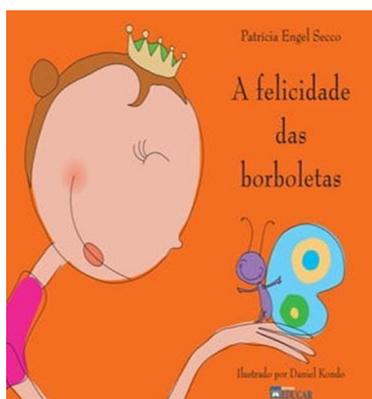
Portanto, entende-se que contar histórias é permitir sentimentos entre aquele que conta e os que ouvem, propiciando um momento mágico, possibilitando portas para a aprendizagem. Assim, contar histórias vai além de divertir-se tendo função que é a de encantar e alegrar. O ato de ouvir, contar, recontar e ler histórias é muito importante para a formação do bom leitor. Não apenas para a formação de um bom leitor, mas para a formação de cidadãos conscientes da diversidade de ideias, culturas, raças, gêneros, etc. Deste modo, tem-se que por meio da literatura as possibilidades de se trabalhar a inclusão são bastante promissoras.

Resultados e discussões

No presente trabalho foi realizada a análise documental de cinco (05) obras literárias para verificar valores inclusivos, bem como as reflexões possíveis de tais obras. As obras analisadas foram: A felicidade das borboletas – Patrícia Engel Secco, Menina bonita do laço de fita – Ana Maria Machado, Quem sou eu – Gianni Rodari, Tudo bem ser diferente – Todd Parr, Esta é Silvia – Jeanne Willis/Tonny Ross.

Com base na análise foi possível perceber que o uso da literatura como ferramenta de inclusão vai muito além de contar uma história. Ela é eficaz quando se trata de aproximar a história do livro com a realidade do aluno. Sendo assim, faz-se necessário perceber na literatura uma excelente ferramenta não só de inclusão, mas em todas as áreas do ensino aprendizagem.

Obra: A felicidade das borboletas



28

Autora: Patrícia Engel Secco

Editora: Melhoramentos

Ano: 2001

Ilustrado por Daniel Kondo

A) SINOPSE

A autora conta a história de uma menina chamada Marcela. Marcela é uma garota especial. Ela tem nove anos de idade e vai se apresentar como bailarina pela primeira vez. Está ansiosa, mas se sente segura, pois, mesmo sem enxergar, conseguiu desenvolver várias habilidades, como dançar, andar de bicicleta, nadar. Graças ao carinho e à atenção de todos, sente-se aceita e autoconfiante.

B) VALORES INCLUSIVOS

A autora Patrícia Engel Secco relata no livro que Marcela é uma deficiente visual, mesmo ela tendo essa diferença das outras crianças, as pessoas que a cercam a tratam como uma criança normal. Suas amigas não a excluem, e nem sua professora de balé. Isso nos mostra que a inclusão é um valor importante, que Marcela não é diferente de suas amigas somente pelo fato de ela não enxergar.

Marcela é capaz de dançar balé, como a personagem mesmo expressa (2005, p.

13) ela não enxerga com seus olhos naturais, mas enxerga com o coração. Sendo assim, se aplicam os valores de empatia, solidariedade e aceitação, pois ela se sente capaz de fazer qualquer coisa uma vez que se sente aceita por todos.

C) REFLEXÕES POSSÍVEIS

A principal reflexão que o livro traz é que, é possível incluir a criança deficiente visual nas atividades lúdicas com respeito a sua individualidade. Nos mostra também que a conscientização das pessoas a sua volta faz com o que o educando possa se reconhecer e adaptar-se no ambiente escolar.

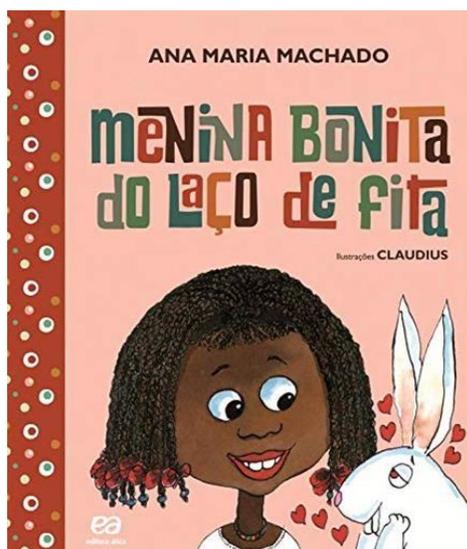
Através de um contato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, uma corrente de elos de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois. Motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. Interesse, criatividade, disposição para exaustivamente sanar dúvidas, estimulam o professor. Em outras palavras, o papel do professor acaba estabelecendo um jogo de sedução, onde ele vai conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento que ele está querendo abordar. (CODD e GAZZOTTI, 1999, p. 50).

Esta obra além de nos falar sobre adaptação e aceitação deixa claro que todo indivíduo tem seu próprio tempo para aprendizagem, seja ele deficiente ou não. Respeitar o indivíduo como ser único é o grande ensinamento desta obra tão delicada e real.

Chaves de apreciação da obra:

- Reflexões em rodas de conversa para abordar o ponto de vista do educando;
- Projetos Pedagógicos que permitam discutir as necessidades dos deficientes visuais;
- Respeitar a voz do aluno na análise da obra e seu ponto de vista sobre a diversidade;
- Refletir sobre o efeito produzido da obra produzido nos educandos;
- Exposição de arte produzida pelos educandos para a conscientização das dificuldades dos deficientes visuais;
- Brincadeiras e jogos educativos sensibilizando os educandos sobre o respeito aos deficientes visuais e os preconceitos vividos.

Obra: Menina bonita do laço de fita



Autora: Ana Maria Machado Editora: Ática
Ano: 1986
Ilustrado por Rosana Faria

30

A) SINOPSE

O livro *Menina bonita do laço de fita* é um dos clássicos de nossa literatura. Conta a história da protagonista – uma linda menina preta, com cabelo trançado e finalizado com fitinhas – e, de um coelho que nutre verdadeira paixão por ela e por sua cor pretinha.

Durante toda a história o coelho tenta descobrir o segredo da menina para ser tão pretinha, a menina por não saber como e porque era tão pretinha inventava as mais divertidas soluções. Ao final a mãe da menina explica que ela é tão pretinha por causa de seus antepassados, levando o coelho a entender que possuímos cargas genéticas de nossos antepassados.

B) VALORES INCLUSIVOS

A autora Ana Maria Machado relata a história de uma menina preta, dos cabelos enroladinhos que usava laço vermelho e de um coelho branco que era apaixonado pela cor preta da menina. O valor inclusivo que mais chama a atenção nessa história é sobre respeitar a diferença da cor da pele, textura do cabelo e diferenças que todos nós temos uns dos outros.

Concebemos a escola como grande responsável por encucar e reforçar a importância das diferenças étnicas raciais para a construção da história do nosso país,

como cita a Lei 11.645/2008 no art. 26:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Além de narrar uma história de admiração entre dois seres diferentes a obra mostra a importância de preservarmos a história dos nossos antepassados, da nossa cultura e porque somos como somos. A temática dos povos africanos e sua contribuição para o crescimento do nosso país vem de encontro com a urgência em valorizar aspectos sociais desse povo que tanto contribuiu com a nossa cultura.

C) REFLEXÕES POSSÍVEIS

Tratar questões étnicas em sala de aula ainda configura um grande desafio para o professor, uma vez que o que se vê é a desvalorização da cultura negra no Brasil. Conscientizar os educandos sobre os valores que essa cultura trouxe para os processos históricos deve começar pelo respeito e reconhecimento dos povos negros escravizados em nosso país.

Apesar de suas diferentes formas (através do tempo e do espaço), o racismo caracteriza todas as sociedades capitalistas multirraciais contemporâneas. Como ideologia e como conjunto de práticas cuja eficácia estrutural manifesta-se numa divisão racial do trabalho, o racismo é mais do que reflexo epifenômeno da estrutura econômica ou um instrumento conspiratório usado pelas classes dominantes para dividir os trabalhadores. Sua persistência histórica não deveria ser explicada como mero legado do passado, mas como servindo aos complexos e diversificados interesses do grupo racialmente supra ordenado no presente (HASENBALG, 1979, p. 118).

Quando falamos em personagens principais em histórias logo imaginamos princesas e fadas. Todas com corpos “perfeitos”, tons de pele claros e cabelos lisos e longos. São raras as histórias em que suas personagens são negras ou com alguma deficiência, essa obra nos encanta por mostrar que a cor da pele não nos impede de sermos príncipes ou princesas.

CHAVES DE APRECIÇÃO DA OBRA:

- Leituras compartilhadas para desenvolver a escuta ativa;
- Respeitar a voz do educando, fazendo relação entre o que eles dizem com os aspectos do livro;
- Projetos Pedagógicos que contemplem as diferenças raciais e étnicas;
- Teatros abordando a temática das diversidades raciais e étnicas;
- Exposição de arte produzida pelos educandos valorizando sua identidade étnica e racial;
- Roda de conversa e discussões sobre o respeito às diferenças étnicas e raciais e a sua importância no processo histórico;
- Brincadeiras e jogos educativos sensibilizando os educandos sobre o respeito às diferenças étnicas e raciais.

32

Obra: Quem sou eu?



Autora: Gianni Rodari

Editora: Salamandra Ano: 2013

Ilustrado por Michele Lacocca

A) SINOPSE

Esta história, simples como todas do escritor italiano Gianni Rodari, nos apresenta uma pergunta que todos nós nos fazemos (ou deveríamos fazer) em algum momento da vida. O texto é construído como uma história cumulativa, que diverte e faz pensar sobre o papel e o lugar de cada um em suas relações pessoais e no mundo.

B) VALORES INCLUSIVOS

O autor Gianni Rodari relata a história de um garoto chamado Pedro, esse garoto busca por meio de várias pessoas ao seu redor, como seu pai, mãe, irmã, primo, entre outros, saber quem ele é, e assim ele descobre que ele é um filho, irmão, primo e dentre outros.

Dentre os valores inclusivos que o autor nos leva a refletir e considerar a oitava competência, dentro das dez competências da BNCC (2018, p. 9) que fala de Autoconhecimento e autocuidado:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Analisando a história é possível perceber o cuidado do autor em ressaltar que todos podemos ser uma pessoa diferente dependendo de quem está nos vendo, no entanto, somos um só como indivíduo.

C) REFLEXÕES POSSÍVEIS

A principal reflexão que o livro traz é sobre a formação da identidade da criança, como ela é vista pelo outro e a sua importância na sociedade. Durante todo o livro o personagem se pergunta: Quem sou eu? Nos levando a reflexão do nosso papel em vários âmbitos da vida cotidiana.

“A criança nasce à vida, mas para sustentar-se nela deve ser ratificada como vivo, como sujeito, pelos outros, pelo desejo historicizado desses outros no interior de um ordenamento simbólico, em resumo, no campo do outro” (LAJONQUIERE, 1996, p. 155).

CHAVES DE APRECIÇÃO DA OBRA:

- Leitura e recontagem da história a partir do ponto de vista do educando;
- Projetos Pedagógicos que contemplem a formação da identidade social da criança;
- Teatros abordando a temática da identidade social da criança;
- Exposição de arte produzida pelos educandos valorizando e contendo elementos importantes na formação da identidade social;
- Roda de conversas e discussões sobre o valor social de cada um diante da sociedade; Brincadeiras e jogos educativos sensibilizando os educandos sobre a formação da identidade social.

Obra: Tudo bem ser diferente



34

Autor (a): Todd Parr Editora: Panda Books Ano: 2015

A) SINOPSE

Tudo bem ser diferente trabalha com as diferenças de cada um de maneira divertida, simples e completa, alcançando o universo infantil e abordando assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiência física, preconceito racial, entre outros.

B) VALORES INCLUSIVOS

Dentre os muitos valores percorridos no livro ele abre vários parênteses para que ensinemos aos nossos educandos a aceitar e conviver com a diversidade com respeito e admiração. Com metodologias adequadas é possível trabalhar várias facetas da nossa sociedade tão diversa e ainda permitir que desde a mais tenra idade os educandos entendam o conceito de inclusão no seu sentido mais amplo.

A leitura de Todd Parr é leve e de fácil compreensão levando o educando a compreender valores como empatia e cooperação, estabelece conceitos para relações mais harmônicas e respeitadas. Essa habilidade de valorização da adversidade contempla a nona competência, dentro das dez competências da BNCC (2018, p.9), que fala:

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a realização de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Essa obra aborda algo do cotidiano, ao mesmo tempo tão delicado, pois fala sobre respeitar todas as diferenças. Sejam elas de cor ou de gênero. Ainda vivemos em uma sociedade em que ser diferente causa espanto e o autor fala de maneira leve e descontraída sobre temas que ainda são tabus.

C) REFLEXÕES POSSÍVEIS

35

Para que seja garantido o ensino e aprendizagem em salas de aula com grande diversidade é necessário repensar o currículo à luz de uma educação para a reflexão e inclusão. O trabalho do professor precisa ser norteado pela ideia de que todos os seus educandos são capazes de aprender, desde que ele possa desenvolver uma metodologia que contemple toda a dinâmica da sala de aula e que ela alcance todos.

Segundo Blim (2005), a didática é o instrumento para estimular a aprendizagem. A influência dos professores e a didática utilizada por eles interferem na forma como se dá a aprendizagem dos alunos e de como se comportam em sala de aula. Uma grande maioria dos alunos considerados com “dificuldades de aprendizagem” teria seus problemas diminuídos apenas através do uso, pelo professor, do conhecimento dos processos associados ao ato de aprender e de uma didática adequada.

CHAVES DE APRECIÇÃO DA OBRA:

- Leitura e recontagem da história a partir do ponto de vista do educando;
- Projetos Pedagógicos que contemplem as diferenças raciais, de gênero, de etnia e etc;
- Teatros abordando a temática das diversidades;
- Exposição de arte produzida pelos educandos mostrando o seu olhar de mundo diverso;
- Roda de conversa e discussões sobre o respeito às diferenças;
- Brincadeiras e jogos educativos sensibilizando os educandos sobre o respeito às diferenças.

Obra: Esta é Sílvia



36

Autor (a): Jeanne Willis/Tony Ross Editora: Salamandra

Ano: 2000

A) SINOPSE

Dos premiados Jeane Willis e Tony Ross, "Esta é Sílvia" diverte e comove ao mesmo tempo. Através de ilustrações divertidas, com doses de humor e sensibilidade na medida certa, os autores nos envolvem no mundo de Sílvia, uma criança feliz e peralta que contagia tudo à sua volta. A surpresa fica por conta da última página, onde os autores nos convidam a uma releitura da história. Ao abordar a deficiência física, em nenhum momento o livro resvala para o sentimentalismo. Em vez disso, promove uma reflexão sobre as verdadeiras necessidades dessas crianças tão especiais.

B) VALORES INCLUSIVOS

Quando nos deparamos com salas de aulas tão diversas sempre nos questionamos se estamos fazendo a diferença na vida dos nossos educandos e se estamos alcançando todos de forma igual. Ensinar sem estrutura não é fácil, mas quando encontramos professores desmotivados e sem capacitação tudo se torna mais complexo.

A inclusão escolar tem sido mal compreendida, principalmente no seu apelo a mudanças nas escolas comuns e especiais. Sabemos, contudo, que sem essas mudanças não garantiremos a condição de nossas escolas receberem, indistintamente, a todos os alunos, oferecendo-lhes condições de prosseguir em seus estudos, segundo a capacidade de cada um, sem discriminações nem espaços segregados de educação. (MANTOAN, 2006, p. 23).

A obra aborda uma criança com deficiência, da qual a mesma não depende de ninguém para executar suas tarefas diárias e se divertir, pelo contrário, ela é tão independente que só descobrimos a sua deficiência no final do livro: Sílvia é cadeirante.

CHAVES DE APRECIÇÃO DA OBRA:

- Leitura e recontagem da história a partir do ponto de vista do educando;
- Projetos Pedagógicos que contemplem a temática de educandos com deficiência física e sua capacidade de se comportar como uma criança normal;
- Teatros abordando limites e superação dos deficientes físicos;
- Exposição de arte produzida pelos educandos mostrando como enxergam a si e aos que possuem deficiência física;
- Roda de conversas e discussões sobre o respeito às diferenças;
- Brincadeiras e jogos educativos sensibilizando os educandos sobre o respeito às diferenças.

CONSIDERAÇÕES

Com este estudo foi possível observar que a leitura por um lado fornece o modo para a escrita, o que escrever e como escrever. Ela é um processo no qual o leitor pode realizar sua construção do texto através de informações adquiridas sobre o autor e seu estilo de escrita.

Para que os alunos se tornem bons leitores e desenvolvam a capacidade e o gosto de ler é necessário que a escola possa dispor de uma boa biblioteca, de um acervo de livros na sala de aula e outros materiais de leitura para os ciclos iniciais.

Também é importante organizar momentos em que o professor leia para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, importante planejar atividades garantindo a mesma importância que as demais, possibilitando aos educandos a escolha de suas leituras, escolhendo autores, obras ou gêneros.

Para qualquer ser humano ouvir e contar histórias são momentos mágicos e para a criança essa atividade envolve um sentimento prazeroso. Por meio delas podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo o processo da linguagem ampliando vocabulários. Ouvir histórias desenvolve a criatividade, a atenção auditiva, concentração e dá “asas” a imaginação. Porém, pode-se observar que por meio da leitura, muito mais pode ser realizado.

Por meio das obras analisadas, foi possível observar que os autores/contadores de histórias têm se preocupado não apenas em contar histórias das quais as crianças despertem interesse, mas, também, que com as mesmas histórias as crianças percebam a

diversidade de cor, raça, gênero, dentre outros aspectos, existentes em nosso mundo. Tais histórias possibilitam ao professor trabalhar de forma mais leve temas que até pouco tempo eram tabus em sala de aula.

Observa-se que na contemporaneidade tornou-se mais acessível lidar com a inclusão, principalmente quando se trata de crianças no início da vida escolar, onde irão lidar com várias outras crianças e cada uma possui suas singularidades, sendo necessário que os demais saibam compreender, respeitar e acolher essas diferenças.

38 Considera-se que a literatura além de acrescentar na escrita e vocabulário dos educandos, os levam a se perceber suas diferenças e singularidades. Como ferramenta de ensino a literatura fornece um leque de opções onde pode-se trabalhar a inclusão, a empatia e todos os valores humanos que necessitamos para viver em sociedade. Assim literatura e inclusão em sala de aula podem andar de mãos dadas, explorando o lado humano do educando e suas experiências para a formação de leitores mais inclusivos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

AGUIAR, V.T.; BORDINI, M.G. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 194p.

ARTIOLI, Ana Lucia. A educação do aluno com deficiência na classe comum: a visão do professor. **Psicol. educ.** n.23 São Paulo dez. 2006.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 11-43.

BLIN, Jean-François. **Classes difíceis: ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. **Lei 11.645/2008** – Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html> Acesso em 22 maio 2020.

- BRUNO, Marilda Moraes Garcia. A construção da escola inclusiva: uma análise das políticas públicas e da prática pedagógica no contexto da educação infantil. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v.1 - n. 2, p. 56-67, ago./dez. 2008.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andréa Alessandra. Trabalho e afetividade. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- COELHO, N. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- COELHO, N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CONSTITUIÇÃO FEDERAL. **Art. 208 sobre a educação básica no Brasil**. Disponível em: http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/10/docs/constituicao_federal_de_1988_-_da_educacao.pdf. Acesso em 22 mar 2020.
- CORRÊA, Maria Ângela Monteiro. **Tópicos em educação especial**, v.1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2006.
- DOHME, Vânia D' Ângelo. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo: Informal Editora, 2000.
- FONSECA, E. **Interações: Com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil**. Ed.: Blucher, São Paulo. 2012.
- GIROUX, Henry; SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomas Tadeu da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- LAJONQUIERE, Leandro de. **De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens, a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**: Petrópolis, Vozes, 1996.
- LAPLANE, Adriana. **Uma análise das condições para a implementação de políticas de educação inclusiva no Brasil e na Inglaterra**. Educação e Sociedade, Campinas: CEDES, v. 27, n. 96, out. 2006. Edição especial.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo:

Moderna, 2006.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SASSAKI, R. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**. V. 1, n. 1 p. 19 – 23. 2005.

SINOPSE – Livro: **Tudo bem ser diferente**. Todd Parr. Disponível em: <http://www.fmss.org.br/confira-sugestoes-de-livros-sobre-inclusao-para-trabalhar-o-tema-em-sala-de-aula/> . Acesso em 30 abril 2020.

SINOPSE – Livro: **Esta é Silvia**. Jeanne Willis e Tony Ross. Disponível em: <https://www.martinsfontespaulista.com.br/esta-e-silvia-189273.aspx/p>>. Acesso em 07 maio 2020.

SINOPSE – Livro: **A felicidade das borboletas**. Disponível em: <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/titulos/a-felicidade-das-borboletas/>. Acesso em 05 maio 2020.

SINOPSE – Livro: **Menina bonita do laço de fita**. Disponível em: <https://sacadadema.com.br/resenha-do-livro-menina-bonita-do-laco-de-fita/>. Acesso em 05 maio 2020.

SINOPSE – Livro: **Quem sou eu?** Disponível em: <http://www.fmss.org.br/confira-sugestoes-de-livros-sobre-inclusao-para-trabalhar-o-tema-em-sala-de-aula/>>. Acesso em 05 maio 2020.